

Direto da Luta

Jaci e Sueli: Um pescador e uma “dona de casa” enfrentam uma siderúrgica

Depoimento colhido por
Thiago Roniere Rebouças Tavares
Marcelo Lopes de Souza

360



Fotos 1 e 2 – Jaci do Nascimento (“Fação”) e Maria Sueli Barreto (“Dona Sueli”): um pescador e uma “dona de casa”, moradores há décadas do bairro de Santa Cruz. Testemunhas da chegada da Thyssen-Krupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), em 2006 (em 2017 rebatizada como Ternium Brasil), têm sido, por isso, testemunhas dos impactos negativos da empresa (uma das maiores siderúrgicas da América Latina) sobre a saúde dos moradores e a atividade dos pescadores, devido à poluição atmosférica e das águas do canal de São Francisco (foz do Rio Guandu). (Fotografias: Vinicius Rezende Carvalho, 23/11/2023).

“Direto da Luta” é uma seção de **AMBIENTES** criada para ajudar a “dar voz” a pessoas envolvidas com lutas populares e iniciativas coletivas em prol da justiça ambiental e, mais amplamente, da defesa de valores e práticas socioecologicamente emancipatórios. São depoimentos breves, que contam um pouco da trajetória, do trabalho realizado e das perspectivas de atuação da pessoa e de seu movimento/organização.

Jaci: Eu moro há 43 anos aqui, sou pescador. A empresa veio pra cima da gente como se fosse um barão do mar, pra destruir tudo, as plantações, o zelo da gente... Aqui tinha tudo quanto era coisa, aipim, quiabo; tinha tudo pra plantar. Eles vieram pra cima da gente e acabaram com tudo. Saíram caixas e caixas de aipim, quiabo, tudo isso aí... Acabou com tudo... Acabou com isso tudo.



Foto 3 – Barco posto à venda: retrato da inviabilização da pesca no Canal de São Francisco, devido à poluição de suas águas e outras perturbações ambientais acarretadas pela instalação da siderúrgica TKCSA (desde 2017, Ternium). (Fotografia: Marcelo Lopes de Souza, 21/05/2019).

A empresa é cúmplice e criminosa, porque o tanto de gente que já faleceu aqui por causa dessa química, dessa poluição, que eles botam chumbo, benzeno, cálcio, tudo pra fazer o ferro... enxofre... Tudo em cima da nossa casa. A gente não tem que pagar pelo preço da empresa, ela que tem que pagar pelo preço que ela fez.

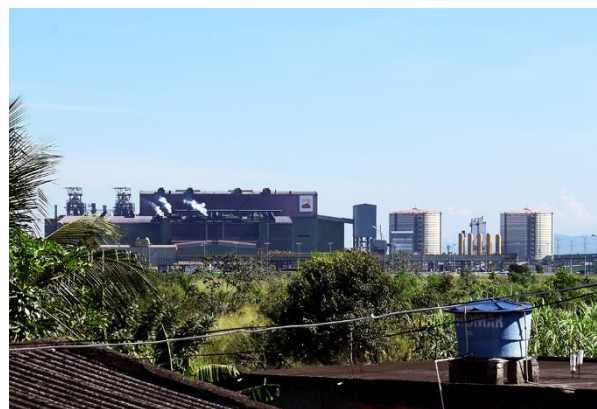


Foto 4 – vista de parte da siderúrgica Ternium, em fotografia tirada da casa de Dona Sueli. (Fotografia: Thiago Roniere Rebouças Tavares, 21/05/2019).

Sueli: Olha, os problemas [daqui de Santa Cruz] são muitos. Mas o problema da empresa é um dos piores. Sabe por quê? Primeiro, o impacto veio pra destruir a

humanidade daqui. As pessoas, os moradores, né? É poluição, é barulho, é tudo o que se imagina. Quando a gente tá com pressa pra chegar no centro de Santa Cruz, pra comprar remédio, de emergência, se você pede na farmácia, é quase um dia todo pra entregar, então prefiro ir lá comprar. Já é um problema da empresa, porque antes não havia isso. Problema de condução. Aumentou muito a população, e tem pouco ônibus, e muito mais fluxo de carro particular. É um problema sério, né? Porque às vezes a gente tá com dificuldade pra comprar um remédio pra emergência e pra chegar até Santa Cruz eu já gastei mais de 40 minutos, daqui a Santa Cruz. Então, é melhor eu ir descer e ir a pé. Mas, infelizmente, também não posso fazer isso, porque eu não aguento mais andar.

Mas o impacto da empresa, eu digo mesmo, eu não tenho paz. Porque afetou a minha saúde. Eu fazia de tudo na minha casa, hoje eu não aguento nada. Tô com problema nos ombros, problema nos ossos, problema respiratório sério, problema de pressão, que quando eu respiro esse pó eu passo muito mal, e

descontrola a pressão. Já fui ao médico e ele disse pra mim: “senhora, você tem que sair de lá, porque se a senhora não sair, é pior”, e tá piorando cada dia mais. Tem dia em que mesmo eu com ar condicionado, eu acordo puxando o ar, porque o problema já tá sério, tá crônico, né? Falou que tá crônico... Então, eu acho que o problema da firma, eles não se preocupam com a gente. Tão fazendo outra portaria aqui atrás. Até meia noite batendo estaca. E o trem não respeita. É duas horas da manhã, buzina lá na ponte e buzina aqui, atrás da minha casa. E causa muito problema para os frutos... Meu pé de manga carregou, mas caiu... Eu colhi 30%, só.

Muitas pessoas morreram mesmo, muitas. Teve pessoas que levantavam bem, daí a pouco, “pum” – morria. Aí chamavam pra resgatar, né, já o corpo, aí chegava na UPA, [hospital] D. Pedro II: “infarto”. É o que ele dá: “infarto”. Tudo pra encobrir a empresa. Se você for no médico pedir um laudo, eles não dão. Eles têm medo de dar. Eles não dão. Mas alegam que o pó mata. A doutora [disse], “não, o pó mata” ... e muito já foi retirado

do posto de saúde por causa deles... Porque falou a verdade. Porque eles têm olheiro pra todo lado, eles botam alguém [pra espionar]. Na nossa reunião, sempre tem alguém infiltrado no meio de nós. Aqui não, quando é aqui [em casa]. Mas onde nós fazíamos antes, na praça pública, ali perto do Jaci, uma praça grande, ou num evento qualquer, num lugar assim aberto, vai encontrar olheiro. Se alguém disser assim: “a firma tá matando gente”, às vezes a pessoa saía de si e esquecia que era olheiro, que uma vez uma pessoa falou assim, depois que eu falei: “essa empresa, ela é muito covarde, ela tá matando a população”. Aí levantou um moço aqui do Alvorada, que eu conheço ele há um tempo [e disse]: “A empresa não tá matando ninguém, ela tá trazendo benefício”. E eu falei: “Que benefício? De morte?”. Irmão comprado. Olheiro. Tem muita pessoa aqui que tá com eles. Porque tem alguém trabalhando lá dentro... e às vezes pega pra trabalhar seis meses, daqui a pouco mandam embora, aí indenizam e mandam embora... Eles [os trabalhadores] pensam que vai ficar a vida toda...

A minha sobrinha, que se formou em administração de empresas, foi o primeiro emprego dela aí dentro, ela não aguentou. Ela trabalhou aí dentro, mas tava passando muito mal, muito mal... Pediu as contas. Por quê? A maioria das pessoas não aguenta, elas ficam tendo problema respiratório... Meu irmão trabalhou aí com aquelas máquinas pesadas, sabe? Que ele é operador daquelas máquinas... Todos os dois meus irmãos mais novos trabalhavam com máquina, hoje eles já se aposentaram, o mais novo é o Antônio, pai dessa menina, que é minha sobrinha. Ele tinha dia que ele falava assim: “eu não tô aguentando”... Saiu também. Meu irmão hoje é aposentado, e tá se tratando até hoje, é crônico também. Tá com um problema muito sério também. Então, olha, vocês estão sentindo que o ar aqui é pesado, é pesado. Imagina nós... Imagina nós, que vive aqui. Eu, que sou moradora daqui dessa casa há 55 anos, mas eu vim pra cá menina, eu morava ali onde é a portaria 2. Como nós viemos do interior, meu pai comprou um barraquinho tipo de índio, que a gente veio da roça... Casinha de

sapê... Que lugar! Que lugar bom de respirar! Aqui atrás era uma plantação de eucalipto, e quando ventava você sentia aquele aroma aqui. A gente pegava folha de eucalipto. Eu fervia, botava dentro da

água sanitária pra poder passar no chão, um cheirinho...

(Depoimentos transcritos por Érica da Cruz Moreira).



Foto 5 – Marcelo, Jaci, Thiago e Sueli, na casa desta última.
(Fotografia: Vinicius Rezende Carvalho, 23/11/2023).